

Palafitas de Manaus: relações entre natureza e cultura no espaço da cidade



*Mirna Feitoza Pereira**

*Márcio Alexandre dos Santos Silva***

*Taissa Dias Barros****

Resumo

Este artigo discute as relações entre natureza e cultura na Amazônia tendo como objetos de estudo as palafitas da cidade de Manaus. A pesquisa foi motivada pelo iminente desaparecimento dessas habitações do espaço da cidade, em face do avanço das ações do poder público para revitalizar as áreas invadidas dos igarapés. O objetivo é compreender a arquitetura dessas habitações como textos da cultura amazônica, utilizando a semiótica da cultura como fundamentação teórica. Os resultados permitem concluir que o próprio espaço geográfico no qual as palafitas incidem, isto é, o igarapé, conforma o espaço semiótico necessário ao funcionamento dos sistemas de signos dessas construções.

Palavras-chave: palafitas; texto cultural; espaço urbano; natureza e cultura; Amazônia.

* Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. É professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: mirnafeitoza@gmail.com

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: alexandre395@gmail.com

*** Graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário do Norte, 2011. E-mail: taissadias@terra.com.br



Abstract

This article discusses the relationship between nature and culture in the Amazon as objects of study with the stilts of the city of Manaus. The research was motivated by the imminent disappearance of the housing space of the city, because of advancing the government's actions to revitalize the invaded areas of streams. The goal is to understand the architecture of these dwellings as texts of Amazonian culture, using the semiotics of culture as a theoretical foundation. The results indicate that the actual geographic area in which the focus stilts, that is, the stream, as the semiotic space necessary for the functioning of the signs of these buildings.

Keywords: stilts; cultural text, urban space, nature and culture; Amazon.

Introdução

Este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa que explorou a textualidade e a espacialidade das palafitas da cidade de Manaus. Erguidas no entorno dos rios, lagos e igarapés¹ da Amazônia, palafitas são habitações tradicionais da cultura ribeirinha cuja arquitetura pressupõe um diálogo com o ciclo das águas da região, com suas pilastras de madeiras submersas durante enchente e vindas à tona no período da vazante. Em Manaus, elas se estabeleceram nas margens dos inúmeros igarapés que cortam o perímetro urbano e constituíram grandes aglomerados que já serviram de cartão-postal da cidade, mas que já não encontram lugar no espaço de uma cidade que cresceu negando a sua relação com a natureza. No entanto, paradoxalmente, são as relações da cidade com a natureza e cultura da região que cada vez mais se tornam imperativas em nossa pesquisa sobre a textualidade e a espacialidade das palafitas de Manaus.

Nesse sentido, não se pode desprezar que a capital amazonense se situa na confluência dos rios Negro e Solimões, dois dos maiores afluentes da bacia hidrográfica da Amazônia que cortam todo o Estado do Amazonas, formando um dos fenômenos naturais mais conhecidos da região, o Encontro das Águas. Ainda do ponto de vista da geografia física, Manaus está localizada no centro da maior floresta tropical do planeta. Quando observada por meio do *Google Earth* (Figura 1), a cidade torna-se uma pequena pedra de concreto no meio da floresta.





Figura 1 - Vista superior de Manaus e do Encontro das Águas do rio Negro e rio Solimões.
Fonte - Google Earth, 2011.

Desde 2006, a capital do Amazonas vive uma transformação sem precedentes em seu espaço urbano por meio do Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus (Prosamim). Implantado pelo poder público estadual com investimentos estimados em US\$ 200 milhões – sendo US\$ 140 milhões do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e US\$ 60 milhões do Governo do Estado do Amazonas, o Prosamim atua na urbanização, na habitação e na engenharia viária, sanitária e ambiental das áreas invadidas dos igarapés. As ações atingem as duas maiores bacias hidrográficas de Manaus: as bacias de Educandos e de São Raimundo (Figura 2), sendo a primeira formada por 33 igarapés, ocupando uma área de 3.834 hectares, e a segunda, 30 igarapés, totalizando 10.625 hectares, sendo no contexto desse programa que as palafitas estão sendo removidas da cidade. Antes das obras, mais de 36 mil pessoas moravam em palafitas nos igarapés de Manaus. Até 2008, o programa já havia beneficiado 4.326 famílias dos igarapés Manaus, Bittencourt, Mestre Chico, Cachoeirinha e Quarenta (GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS, 2008). Entre as intervenções de maior impacto está a construção de conjuntos habitacionais populares erguidos no mesmo lugar das áreas invadidas dos igarapés, dotados de áreas de lazer com quadras poliesportivas, passeios públicos, praças e vias sinalizadas (Figura 3).

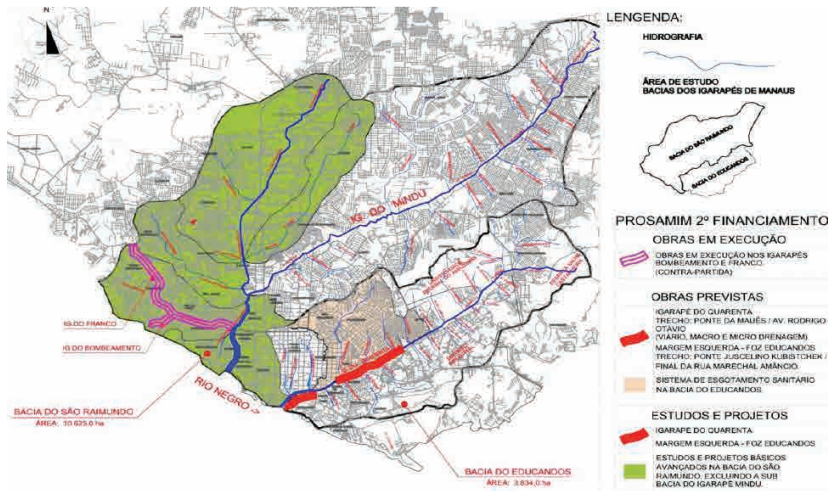


Figura 2 - Mapa das ações do Prosamim nas bacias do Educandos e São Raimundo.
Fonte: Site Institucional do Prosamim, 2011.



Figura 3 - Imagem superior do Parque Residencial Manaus antes da inauguração.
Fonte - Taissa Dias Barros, 2008.

Em que pese tenham gerado problemas importantes no contato com a cidade, não se pode negar que as palafitas representam uma solução arquitetônica do homem amazônico para adequar-se ao ambiente em que vive.



Assim, sem desconsiderar as grandes contradições envolvidas no objeto em questão, como as questões ambientais e desigualdades sociais, nossa pesquisa em torno das palafitas tem sido motivada pela necessidade de reconhecer a relevância cultural dessas construções vernaculares antes que elas desapareçam da cidade a exemplo do que ocorreu com outra habitação tradicional ribeirinha – a Cidade Flutuante.

Conforme se sabe, a Cidade Flutuante (Figuras 4 e 5) constituiu um extenso aglomerado urbano formado por mais de 3.000 casas flutuantes sobre as águas do rio Negro, em frente à cidade de Manaus, na orla do bairro de Educandos, cujo primeiro registro histórico data de 1920. Sua remoção se deu nos anos 60, em razão de seus impactos ambientais e sociais que, na época, eram constantemente denunciados pela imprensa, ficando “marcada de forma negativa em nossa história por seus casebres em desalinhos, sua falta de estética, suas mazelas, onde passou a ser chamada por alguns escritores de lixeira a céu aberto” (MONTENEGRO, 2005).



Figura 4 - Vista aérea da Cidade Flutuante no início dos anos de 1960. Cartão-postal de Manaus.

Fonte - Aurélio Michiles, 2005.



Figura 5 - Detalhe da Cidade Flutuante no início dos anos de 1960. Cartão-postal de Manaus.
Fonte - Aurélio Michiles, 2005.

Dessa feita, longe de adotar uma visão nostálgica de uma cidade que some sem deixar registros, o que se pretende é reconhecer e resguardar o conhecimento cultural armazenado nessas habitações que carregam a memória da cultura ribeirinha inserida no espaço da cidade de Manaus, sua forma de resistência diante das contradições da urbanidade e sua contribuição para a expansão da própria cidade. Assim, na perspectiva adotada em nossa pesquisa temos compreendido as palafitas como textos da cultura amazônica, isto é, como formações portadoras de sentido que resultam do encontro conflituoso e produtivo dos sistemas culturais. Seguir nessa direção implica admitir que a arquitetura das palafitas resulta de processos de codificação das linguagens da cultura e por isso mesmo se apresenta como texto cultural.

Antes de avançar nessa conceituação, é necessário ressaltar o enorme desafio que um objeto cultural tão rudimentar e precário como as construções palafíticas impõem ao pesquisador. Isso porque se trata de um objeto cultural assentado em cima de contradições tamanhas que abordá-lo fora de sua complexidade o tornaria incompreensível. Então, saindo da zona de conforto da pesquisa disciplinar, para explorar a textualidade e a espacialidade das palafitas



da cidade de Manaus, temos assumido deslocamentos transdisciplinares entre a Semiótica, a Comunicação, a Arquitetura, a Geografia e a História.

De caráter exploratório, a pesquisa que gerou este artigo teve como objetivo compreender a arquitetura das palafitas da cidade de Manaus como textos da cultura amazônica, com coleta de dados realizada por meio de observações de campo com registros fotográficos das áreas estudadas, pesquisa bibliográfica e documental, resultando em duas iniciações científicas, uma sobre o contexto urbano e ambiental das palafitas da cidade de Manaus, desenvolvida por Taissa Dias Barros (2008, 2009), e outra sobre os antecedentes históricos das palafitas de Manaus, com ênfase nos igarapés de Educandos e de São Raimundo, realizada por Márcio Alexandre dos Santos Silva (2008). No presente artigo, são apresentadas a fundamentação teórica e parte das observações de campo que permitiram definir as palafitas como textos da cultura.

Palafitas como textos da cultura amazônica: fundamentos semióticos

A compreensão da relevância cultural das palafitas fundamenta-se no estudo da cultura como texto a partir da semiótica da cultura da Escola de Tartu – Moscou. Conforme Lotman, ao tomar um objeto cultural como texto, supõe-se que ele esteja codificado de alguma forma por, no mínimo, duas linguagens, ainda que os códigos que o entrelaçam como tal sejam, num primeiro momento, desconhecidos pelo investigador (LOTMAN, 1998b: 119).

Assim, textos culturais são formações semióticas cuja textualidade é construída no encontro de pelo menos dois sistemas de signos culturais. Também chamados de sistemas modelizantes secundários, linguagens secundárias ou linguagens da cultura, os sistemas de signos culturais diferem do sistema modelizante primário, isto é, da língua natural, cujos textos articulam-se a partir do código verbal, que é previamente conhecido pelo investigador. Na semiótica da cultura, contudo, não se sabe quais são os códigos que atuam na codificação do texto cultural, sendo a tarefa do pesquisador reconstituí-la. No contexto dessa semiótica, a noção de texto ultrapassa sobremaneira a codificação proporcionada pela linguagem verbal, aplicando-se, conforme Machado (2003: 168), a todos os portadores de sentido (cerimônias, obras de arte, peças musicais, uma reza, uma lei, um romance). Segundo ela,



O texto é um complexo dispositivo que guarda variados códigos, capazes de transformar as mensagens recebidas e de gerar novas mensagens. Isso quer dizer que um texto não é um recipiente passivo de tudo o que vem do exterior. O texto é um mecanismo semiótico gerador de sentidos. O texto é sempre um texto em uma linguagem que sempre está dada antes do texto. Assim, o texto não é um receptor passivo, portador de um conteúdo depositado nele de fora, mas, sim, um gerador de sentidos em processos interativos. O texto é um espaço semiótico em que interagem, se interferem e se auto-organizam hierarquicamente as linguagens como “dispositivos pensantes” ou, melhor, como dispositivos dialógicos (MACHADO, 2003: 169).

É a partir desse conceito de texto cultural que se definem as palafitas da cidade de Manaus como texto da cultura amazônica. Por meio dele, também é possível examinar as funções exercidas pelas palafitas na cultura da região. Isso porque os textos culturais exercem três funções dentro da cultura: função de comunicação, função geradora de sentidos e função memória.

Na função de comunicação, os textos atuam na transmissão das mensagens da cultura, sendo que toda alteração na recepção destas é considerada como desfiguração, “ruído”, resultado de um trabalho mal feito do sistema (LOTMAN, 1998c: 86). Nessa função, a transmissão dos significados se cumpre da melhor forma quando ocorre a mais completa coincidência de códigos entre aquele que fala e aquele que escuta, sendo essa a máxima monossímia do texto. Esse mecanismo de identificação, de abolição de diferenças e de elevação do texto a uma padronização desempenha não apenas um papel que garante o caráter adequado da recepção da mensagem no sistema da comunicação; cumpre também a função de garantir a memória comum da coletividade, de converter a coletividade de uma multidão desordenada a *une personne morale*, conforme expressão de Rousseau usada por Lotman. “Esta función es especialmente importante en las culturas ágrafas y en las culturas en que domina una conciencia mitológica, pero, como tendencia, se manifiesta con uno u outro grado de evidencia en cualquier cultura” (LOTMAN, 1998b: 120).

Se na função de comunicação a diferença entre a mensagem enviada e a recebida deve ser debitada na conta das imperfeições do sistema, na função



do texto como gerador de sentidos a diferença é a essência do trabalho do texto, que se torna um “dispositivo pensante” da cultura. O que na função de comunicação é defeito, na função geradora de sentidos é norma (LOTMAN, 1998b: 121). A distinção básica entre essas duas funções é a carência de homogeneidade interna na organização da segunda:

Así pues, desde el punto de vista de la primera función, es natural representarse el texto como una manifestación de *um solo* lenguaje. En este caso, el texto es homoestructural y homogéneo. Desde el punto de vista de la segunda función, el texto es heterogéneo y heteroestructural, es una manifestación de varios lenguajes a la vez (LOTMAN, 1998c: 88).

Lotman observa que o texto só é capaz de realizar uma atividade geradora de sentido se estiver submerso em uma semiosfera, isto é, no relacionamento com outro(s) sistema(s) da cultura. Nesse sentido, a memória do homem em contato com o texto pode ser considerada como um texto complexo, pois esse contato conduz a trocas criadoras na cadeia informacional (LOTMAN, 1998c: 90). A essência do texto como gerador de sentidos está, em considerável medida, na sua capacidade de interagir com outros sistemas da cultura. Desse modo, o texto configura-se como espaço semiótico em que as linguagens interagem, interferindo-se mutuamente e se auto-organizando hierarquicamente (LOTMAN, 1998b: 122).

Como gerador de sentido, o texto cultural está organicamente vinculado ao problema da pragmática, sendo esse o aspecto de trabalho do texto. Conforme explica Lotman, esse mecanismo supõe uma certa introdução no texto de algo de fora, seja este “fora” outro texto, ou o leitor (que também é “outro texto”), ou ainda o contexto cultural. A introdução desse algo de fora é necessária para que a possibilidade de gerar novos sentidos, encerrados na estrutura imanente do texto, transforme-se em realidade:

El texto como gerador del sentido, como dispositivo pensante, necesita, para ser puesto en acción, de un interlocutor. En esto se pone de manifiesto la naturaleza profundamente dialógica de la conciencia como tal. Para

trabajar, la conciencia tiene necesidad de una conciencia; el texto, de un texto; la cultura, de una cultura (LOTMAN, 1998b: 124).

Ao exercer a função de memória da cultura, os textos culturais agem, de acordo com Lotman, como sementes de plantas, por serem capazes de conservar e reproduzir lembranças das estruturas precedentes da cultura. Nela, os textos tendem a se converter em símbolos integrais, adquirindo grande autonomia de seu contexto cultural, funcionando no corte sincrônico e diacrônico da cultura. “En este caso, el símbolo separado actúa como un texto aislado que se translada libremente en el campo cronológico de la cultura y que cada vez se correlaciona de una manera compleja con los cortes sincrónicos de ésta” (LOTMAN, 1998c: 89).

Levando em consideração os sentidos gerados pelas palafitas ao longo do desenvolvimento urbano da cidade de Manaus (tais como os relacionados às desigualdades sociais, aos problemas ambientais, sanitários e urbanísticos), toma-se a própria cidade como espaço semiótico amazônico, no qual as palafitas aparecem como texto articulado a partir do encontro entre duas culturas: a cultura ribeirinha cabocla e a cultura urbana. Assim, as palafitas funcionam como uma região fronteira de linguagens, uma zona conflituosa de interação entre culturas que gera sentidos a partir da diversidade semiótica que permeia esse relacionamento.

Se a análise dos sentidos gerados pelas palafitas de Manaus, no confronto com o espaço urbano planejado, pode ajudar na compreensão de seu desaparecimento da paisagem da cidade, o exame da memória da cultura atualizada em sua arquitetura pode revelar o enraizamento cultural mais profundo dessas habitações, um texto que pode estar além e aquém da fundação da cidade de Manaus e da própria cultura cabocla, cuja leitura pode transcender o próprio contexto cultural e geográfico da região, sendo talvez um texto a funcionar no eixo sincrônico e diacrônico da cultura planetária.

Observações de campo no Igarapé do Franco

Na observação de campo realizada no igarapé do Franco, no dia 6 de março de 2008, o número de palafitas já era bem reduzido em decorrência das



ações do Prosamim. Das 1.050 palafitas que existiam no entorno do igarapé, só restavam 300. A quantidade reduzida, no entanto, não impediu o avanço da pesquisa. Foi a partir dessa observação que se chegou à hipótese que passou a conduzir o projeto: a de que as palafitas da cidade de Manaus são textos modelizados a partir do encontro dos sistemas de signos da cultura ribeirinha com os sistemas de signos da cultura urbana, constituindo, elas mesmas, uma região de fronteira entre as duas culturas. Vale destacar que o igarapé do Franco situa-se no interior da cidade de Manaus, na região oeste, sem nenhum contato com o rio Negro.

Foram encontradas palafitas construídas entre casas de tijolo e concreto; casas de tijolo e concreto com fachadas pintadas em cores primárias vibrantes (verde, azul, amarelo, vermelho, branco) iguais as que costumam aparecer nas palafitas tradicionais; ônibus e asfalto passando ao largo de palafitas localizadas nas margens do igarapé (Figura 6). Nesse cenário, um costume típico da cultura ribeirinha chamou atenção: a despeito da poluição do igarapé, os peixes que abasteciam a feirinha localizada no entorno do igarapé chegavam de manhã cedo em canoas e pequenas embarcações.

Os equipamentos urbanos (Figura 7) e as instalações da feirinha (Figura 8) davam mostras da intensidade de relações entre a cultura urbana e a cultura ribeirinha naquele espaço: com bancas feitas de madeira, a feira está instalada próxima a uma ponte de concreto por onde passam carros, ônibus, e de frente para uma pracinha feita pela própria comunidade com bancos e piso de concreto. Próximo às bancas da feirinha, observou-se uma edificação que traduz bem as relações entre a cultura urbana e a cultura ribeirinha nas palafitas da cidade de Manaus: pilastras de concreto instaladas no leito do igarapé, e fachada composta de alvenaria, em sua maior parte, e de madeira (Figura 9).

Adentrando o aglomerado de palafitas, foram observadas passarelas de madeira por entre as casas (Figura 10). Construídas sobre o entorno e sobre o leito dos igarapés, essas passarelas são muito comuns em aglomerados urbanos de palafitas. São elas que dão acesso às casas, funcionando como vias que interligam o asfalto e igarapé. No dia da observação, a maior parte das passarelas já havia sido retirada.



Figura 6 - Palafitas entre casas de tijolo e concreto com fachadas pintadas com cores vibrantes iguais.

Fonte - Amauri Santos, 2008.



Figura 7 - O igarapé é cortado por pontes de concreto, por onde passam veículos ao lado das palafitas – é o entrelaçar da cultura ribeirinha com a urbe.

Fonte - Taissa Dias Barros, 2008.





Figura 8 - Feirinha instalada praticamente nas proximidades do igarapé.
Fonte - Amauri Santos, 2008.



Figura 9 - Edificação com pilastras de concreto instaladas no leito do igarapé e fachada composta de alvenaria, em sua maior parte, com acréscimo em madeira.
Fonte - Taissa Dias Barros, 2008.



Figura 10 - Passarelas em madeira que interligam as palafitas.
Fonte - Amauri Santos, 2008.

Foram encontradas algumas palafitas com arquitetura típica do interior, com grandes varandas feitas em ripas de madeira transpassadas na diagonal, remetendo para outro traço bem conhecido na região: o traçado das cestarias indígenas e caboclas.

A partir da observação das palafitas do igarapé do Franco, chegou-se a outro resultado importante: o próprio espaço no qual a textualidade das palafitas se constrói, isto é, o igarapé, funciona como espaço semiótico, sendo ele a condição necessária para a presença dessas habitações na cidade. Concluiu-se ainda que o espaço semiótico das palafitas da cidade de Manaus se constrói a partir do encontro entre duas culturas e que este está modelizado nas palafitas e em seu entorno, pondo em contato a cultura cabocla ribeirinha e a cultura urbana. Nesse sentido, identificar os sistemas de signos que modelizam esse



encontro e suas codificações se torna um desafio para revelar a diversidade cultural manifesta nas palafitas da cidade de Manaus.

Observação de campo no Igarapé de Educandos

A observação de campo das palafitas do igarapé de Educandos, realizada no dia 25 de abril de 2008, ocorreu em dois pontos: de frente para a lagoa formada pelo igarapé dentro da cidade de Manaus, região situada atrás do PAC de Educandos (Figura 11), e do alto da ponte que liga o bairro de Educandos ao centro da cidade (Figura 12).

A primeira parte da observação ocorreu na área situada de frente para a grande lagoa formada pelo igarapé de Educandos no interior da cidade de Manaus, onde as palafitas aparecem ao longo de toda a extensão de uma pequena colina localizada nas margens do igarapé. Do lado oposto à colina e à grande lagoa, encontra-se a cidade, com suas instalações e fluxos urbanos aparentes.

De frente para a lagoa e de costas para a cidade, logo se pode sentir uma diferença entre as palafitas do igarapé de Educandos e as do igarapé do Franco, ainda que no momento da observação não estivesse nítida a distinção entre ambas. Notou-se que as palafitas de Educandos se assemelhavam mais às palafitas tradicionais ribeirinhas do interior do Amazonas, especialmente as localizadas mais próximas do corpo d'água: predomínio da madeira com alguma incidência de materiais utilizados nas construções edificadas na cidade, como tijolo e cimento. Assim como no igarapé do Franco, conforme as moradias se aproximam das áreas urbanizadas (das ruas asfaltadas, das calçadas), a arquitetura se modifica, incorporando os materiais e as formas predominantes das construções da cidade.

Realizar a observação no período da enchente dos rios também foi importante para sentir a diferença entre os dois igarapés. Na Amazônia o volume dos rios oscila de acordo com o ciclo das águas, fenômeno natural que compreende os períodos da vazante e da cheia dos rios.

O igarapé de Educandos encontra-se com o rio Negro na entrada de Manaus. Uma vez que no momento da observação das palafitas de Educandos o rio Negro estava em período de cheia, o igarapé apresentava grande volume de água.



Figura 11 - Palafitas do igarapé de Educandos.
Fonte - Amauri Santos, 2008.

Com isso, em relação ao igarapé do Franco, que não tem contato com o rio Negro, notou-se uma dinâmica diferente em Educandos: no período da cheia as embarcações regionais de pequeno, médio e grande portes navegam nas águas da grande lagoa formada pelo igarapé, compondo um cenário urbano ribeirinho que se constrói no interior da cidade. Vale mencionar que há um pequeno estaleiro de barcos regionais na área observada, reforçando as relações de proximidade entre as palafitas e as embarcações, compondo a mesma paisagem dentro da cidade.

Assim, a observação do tráfego das embarcações no igarapé de Educandos revelou relações importantes entre as embarcações e as palafitas: pela primeira vez notou-se que as cores vibrantes recorrentes nas palafitas da cidade de Manaus são as mesmas das embarcações regionais: verde, vermelho, azul (com variações mais claras e mais escuras) e branco (Figura 13). O reconhecimento da relação entre as cores das palafitas e das embarcações regionais foi marcante, podendo ser esse um ponto-chave para o estudo da modelização do objeto estudado, uma vez que as embarcações regionais e as palafitas são representações importantes da cultura ribeirinha amazônica.





Figura 12 - Foto produzida do alto da ponte que interliga o bairro de Educandos ao Centro, mostra a proximidade entre as palafitas e as embarcações regionais.

Fonte - Amauri Santos, 2008.

A navegação das embarcações regionais – principalmente as de pequeno porte, como canoas, voadeiras e barcos com cobertura – no igarapé de Educandos levou ao reconhecimento de outra relação entre as embarcações regionais e as palafitas: algumas palafitas situadas de frente para o igarapé de Educandos são dotadas de um pequeno *pier*, onde os barcos atracam. As casas possuem também uma escada que dá acesso, durante a cheia, à embarcação atracada no *pier* e, durante a vazante, a terra firme (Figura 14).

Assim, chegou-se ao seguinte questionamento: Qual é a entrada principal da palafita? A que está direcionada para a rua (ou passarela, no caso das palafitas que ficam longe do asfalto) ou a que dá acesso ao rio? Tal questão convida a refletir sobre a palafita como uma região de fronteira semiótica entre natureza e cultura na região.



Figura 13 - As embarcações de pequeno e médio portes recebem as cores vibrantes que aparecem nas palafitas.

Fonte - Taissa Dias Barros, 2008.



Figura 14 - As habitações possuem escada que dá acesso, durante a cheia, à embarcação atracada no píer e, durante a vazante, a terra firme.

Fonte - Amauri Santos, 2008.



No igarapé de Educados, chamou a atenção o sobrevoos e o canto de pássaros, criando uma atmosfera diferente da agitação urbana e remetendo ao espaço-tempo do interior do Amazonas (Figura 15). Essa atmosfera se desfaz quando se desloca o ponto de vista para se observar o espaço com os sentidos voltados para a cidade. Assim, a memória mais remota da cidade entra em choque com as transformações urbanas de grande vulto introduzidas pelo Prosamim nas áreas invadidas do igarapé do Mestre Chico e no igarapé do Quarenta, que fazem intersecção com o igarapé de Educados. Entre elas, remoção de palafitas, edificação de conjuntos habitacionais, revitalização da ponte dos Ingleses e instalação de equipamentos urbanos que antes não existiam, como áreas esportivas, passeio público, iluminação, sinalização de trânsito (faixa de pedestre, semáforo, placas com identificação das ruas), além do intenso tráfego de veículos, de pequeno e grande portes, comum às regiões de abastecimento de qualquer grande cidade.² Um espaço de relações contrastantes: bucólico, quando observado de frente para o igarapé e de costas para a cidade, e altamente urbano, quando observado de costas para o igarapé e de frente para a cidade.



Figura 15 - Pássaro sobrevoa o igarapé de Educados, criando uma atmosfera diferente da agitação urbana.

Fonte - Taissa Dias Barros, 2008.



A atmosfera e a dinâmica observadas no espaço das palafitas do igarapé de Educandos seriam outras se o rio estivesse seco, pois, no período da vazante, torna-se inviável o acesso das embarcações regionais, uma vez que o corpo d'água diminui drasticamente, e o que prevalece é a degradação ambiental provocada pela ocupação do leito do igarapé, ficando aparente somente o lixo que reside no fundo do igarapé.

A interpretação dos dados obtidos na observação das palafitas do igarapé de Educandos e de seu entorno levou a uma hipótese importante: a proximidade com o rio Negro é fundamental para a composição da ambiência observada no igarapé de Educandos, uma vez que este (assim como o igarapé de São Raimundo) encontra-se com o rio, conformando uma região limítrofe entre o rio e a cidade, que pode ser interpretada como uma região fronteira entre a cultura ribeirinha, identificada com as margens dos rios, lagos e igarapés dos beiradões amazônicos, e a cultura urbana, identificada com o crescimento urbano desordenado/ordenado da cidade, sendo por meio dessa região fronteira que as palafitas adentram na cidade, avançando sobre o espaço da cidade através dos igarapés. Quanto mais avançam sobre a cidade, seguindo o contrafluxo dos igarapés, mais as palafitas incorporam códigos da cultura urbana. Contudo, elas continuam fixadas nas margens do corpo d'água e/ou no interior dele, com suas estacas de madeira ou de concreto, assim como observado no igarapé do Franco, localizado na região centro-oeste da cidade.

Observação de campo no Igarapé de São Raimundo

A observação de campo das palafitas do igarapé de São Raimundo, realizada no dia 2 de maio de 2008, ocorreu em três pontos: no bairro de Aparecida, ao lado de um estaleiro instalado nas margens do igarapé; em cima da ponte que liga o bairro de Aparecida ao bairro de São Raimundo, e ao longo do trajeto realizado ao transitar pelas ruas do bairro de São Raimundo.

Assim como o igarapé de Educandos, o igarapé de São Raimundo encontra-se com o rio Negro na entrada da cidade de Manaus, contato que imprime a ambos uma dinâmica que está diretamente relacionada com o rio, como o fluxo de navegação de embarcações regionais de pequeno, médio e grande portes, incluindo canoas e voadeiras. A paisagem dos dois igarapés, contudo, é um pouco diferente, a começar pela própria geografia física:



enquanto o igarapé de Educandos conforma uma lagoa dentro da cidade, o de São Raimundo conforma uma longa extensão que avança sobre a cidade, atingindo os bairros da Glória e de São Jorge, propiciando aglomerados de palafitas ao longo de toda a sua extensão (Figura 16).



Figura 16 - O igarapé do São Raimundo avança sobre a cidade com palafitas ao longo de toda a sua extensão.

Fonte - Márcio Alexandre dos Santos Silva, 2008.

A partir de observação visual, notou-se que o fluxo de embarcações no igarapé de São Raimundo é mais intenso que no igarapé de Educandos, sobretudo nas proximidades da ponte, onde o igarapé de São Raimundo encontra-se com o rio Negro (Figura 17). O igarapé é dotado de uma infraestrutura que dá suporte às embarcações, como posto da Capitania dos Portos, posto de abastecimento de combustível, estaleiro e um pequeno porto localizado imediatamente antes da ponte que liga o bairro de São Raimundo ao de Aparecida, na região em que o igarapé desemboca no rio. Nesse trecho, a navegação é mais intensa, o que torna as águas do igarapé mais agitadas, criando uma atmosfera menos pacata do que a experimentada na grande lagoa do igarapé de Educandos.



Figura 17 - Fluxo de embarcações no igarapé de São Raimundo é mais intenso que no igarapé de Educandos.

Fonte - Márcio Alexandre dos Santos Silva, 2008.

Notou-se também uma inserção mais aparente das palafitas de São Raimundo na paisagem urbana da cidade: as ruas, os prédios, o trânsito são mais visíveis do que nos trechos observados no igarapé de Educandos. Disposta como pano de fundo, a cidade aparece ao longo de toda a extensão do igarapé de São Raimundo, contrastando, em camadas, com a paisagem tradicional formada pelo aglomerado de palafitas que ocupam o entorno e o leito do igarapé (Figura 18).

Essa impressão talvez se deva à geografia física dos dois igarapés: um avança mais (São Raimundo) e outro menos (Educandos) sobre a cidade. Outro fator foi a posição dos pesquisadores, como observadores, no campo da pesquisa: em Educandos, as palafitas foram observadas de frente para a lagoa formada pelo igarapé, em direção ao rio Negro, de onde não se vê a



cidade, enquanto que no São Raimundo observou-se o igarapé e as palafitas sempre com a cidade de fundo. Vale destacar que a posição dos pesquisadores privilegiou a melhor visualização dos objetos observados.



Figura 18 - A cidade contrasta com a paisagem tradicional ribeirinha ao longo do igarapé de São Raimundo.

Fonte - Márcio Alexandre dos Santos Silva, 2008.

Conclusões

Este artigo apresentou parte dos resultados alcançados por pesquisa que teve como objetivo compreender a arquitetura das palafitas de Manaus como texto da cultura amazônica, adotando a semiótica da cultura como fundamentação teórica, sobretudo o conceito de texto cultural. Os resultados nos permitem concluir que a arquitetura das palafitas da cidade de Manaus é modelizada a partir de relações conflituosas que se dão entre natureza e cultura na Amazônia. Assim, ao entrar em contato com o contexto urbano, as palafitas assimilaram em sua constituição arquitetônica as contradições e desigualdades urbanas, degradando seu valor cultural. Ao mesmo tempo,

absorveram materiais industrializados, como telhas de amianto, zinco, cimento, concreto, mantendo, no entanto, os traços que as distinguem como construções vernaculares amazônicas. No que toca às relações com a natureza, conclui-se que o próprio igarapé funciona como espaço semiótico. Isso porque a arquitetura das palafitas se constrói relacionada ao ciclo das águas dos igarapés. Dessa feita, o aterramento, a mudança de curso e/ou a canalização do igarapé retiram ou modificam drasticamente a condição de possibilidade para a ocorrência dessas habitações ribeirinhas no meio urbano. Assim, do ponto de vista da diversidade cultural, a remoção das palafitas sem uma estratégia de preservação de sua memória representa uma perda na heterogeneidade da cultura, pois juntamente com os problemas ambientais, sociais e sanitários está se retirando da cidade um texto da cultura amazônica. Trata-se de uma cultura assentada em grandes contradições, mas que não pode ser negligenciada sob pena de se perder a memória mais remota de uma cidade cuja urbanidade surgiu do encontro nenhum pouco harmonioso com a cultura cabocla ribeirinha. Nesse sentido, os resultados da pesquisa convidam a refletir sobre a palafita como uma região de fronteira entre natureza e cultura na Amazônia. Ao que parece, seguir nessa direção implicará considerar a semiose da arquitetura das palafitas não apenas a partir do contato com o rio e o igarapé, mas também a partir das desigualdades e contradições urbanas geradas pelos sistemas sociais.

Notas

¹ São chamados de igarapés os pequenos braços de rios, também conhecidos como córregos e riachos, que permeiam toda a bacia hidrográfica da Amazônia.

² O bairro de Educandos fica localizado nas proximidades da região portuária de Manaus e do Mercado Municipal, estabelecimento formado por grandes galpões no interior dos quais são comercializados produtos hortifrutigranjeiro e pescados da região.

Referências

BARROS, Taissa Dias; PEREIRA, Mirna Feitoza; CASTRO, Márcia Honda Nascimento. Estudo dos contextos urbano e ambiental das palafitas da cidade de Manaus. In: 4.^a Mostra de Iniciação Científica do Uninorte, 2008, Manaus.



Anais da 4.ª Mostra de Iniciação Científica do Uninorte. Manaus: Editora do Uninorte, 2008, p. 56-59.

_____. Estudo dos contextos urbano e ambiental das palafitas da cidade de Manaus. In: 61.ª Reunião Anual da SBPC, 2009, Manaus. *Anais/Resumos da 61.ª Reunião Anual da SBPC*, 2009.

Governo do Estado do Amazonas. *Revista Prosamim: a transformação de uma cidade*. Amazonas, Ano I, n.º 1, 2008, 54 p.

LOTMAN, Yuri M. *Universe of the mind. A semiotic theory of culture* (translated from Russian by Ann Shukman). Bloomington, Indianapolis: Indiana University Press, 1990.

_____. La cultura e l'organismo. In: *La semiosfera. L'asimmetria e il dialogo nelle strutture pensanti* (traduzione dal russo di Simonetta Salvestroni). Venezia: Saggi Marsilio, 1992, p. 77-82.

_____. *La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto* (selección e traducción del russo Desiderio Navarro) Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1998.

_____. *La Semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio* (selección e traducción del russo Desiderio Navarro). Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 1998.

_____. *La Semiosfera III. Semiótica de las artes y de la cultura* (selección e traducción del russo Desiderio Navarro). Madrid: Frónesis Cátedra Universitat de València, 2000.

_____. “La semiótica de la cultura y el concepto de texto”. In: NAVARRO, Desiderio. (Org.). *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, vol. 1, 1998a.

_____. “El texto en el texto”. In: NAVARRO, Desiderio. (Org.). *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, vol 1, 1998b.

_____. “El texto y el poliglotismo de la cultura”. In: NAVARRO, D. (Org.). *La semiosfera. Semiótica de la cultura y del texto*. Madrid: Cátedra, vol 1, 1998c.

MACHADO, Irene (Org.). *Semiótica da cultura e Semiosfera*. São Paulo: Fapesp/Anablume, 2007.

_____. *Escola de Semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MICHILES, Aurélio. O Quintal da Minha Casa. *Revista de Estudos Avançados da USP*, São Paulo, n.º 53, 2005, p. 275-293.

MONTENEGRO, Yara Peres. Os impactos ambientais causados pela Cidade Flutuante e sua influência cultural e social dentro da sociedade amazonense. Resumo consubstanciado. *Revista Aboré da UEA (on-line)*, Manaus, Ed. 01, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.uea.edu.br/old/aboré/>

SILVA, Márcio Alexandre dos Santos. Levantamento histórico da incidência de palafitas na cidade de Manaus, com ênfase nos bairros de Educandos e São Raimundo. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008, Natal. *Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2008.

SILVA, Márcio Alexandre dos Santos; PEREIRA, Mirna Feitoza; ALHO, Milke Cabral. Levantamento histórico da incidência de palafitas na cidade de Manaus, com ênfase nos igarapés de Educandos e São Raimundo. In: 4.^a Mostra de Iniciação Científica do Uninorte, 2008, Manaus. *Anais da 4.^a Mostra de Iniciação Científica do Uninorte*. Manaus: Editora do Uninorte, 2008, p. 62-65.

Site Institucional do Prosamim. *Prosamim – 2.o financiamento BID – Localização das áreas de intervenção de obras e projetos*. Disponível em: http://www.prosamim.am.gov.br/site/arquivos/obras/prosa_1_2.pdf. Acesso em: 22 de outubro de 2011.

